

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A - 1.º e 2.º Andares - Telef. 34.

Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa - Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Horas bárbaras Farpas

Depois deste reinado brilhante, começa um longo período tri-secular (a que os historiadores se deixaram ir no hábito de chamar de decadência, apenas púscados pelo contraste) de lutas sombrias e sorte vária. *Boleslau* assumira, e concentrara em suas mãos fortes o poder, por um acto de arrojadada violência contra seus irmãos. Invocava-se o direito usual a uma partilha equitativa, incompatível com o designio, já evidentemente formado, da unidade nacional. Assim veio a acontecer, à sua morte, com seus três filhos: mas chegando a conseguir *Miesclau II* impôr de facto e tornar reconhecida, muito embora alguns analistas, como o dr. Hildesheim, a taxem de usurpada, a sua soberania. Essas discórdias familiares tinham necessariamente de enfraquecer-lhe a acção, ainda presa às lutas com os húngaros e os alemães, do que resultou para a Polónia a perda das suas magníficas posições no Báltico. Factores internos mais contribuíam para esse enfraquecimento: como o irrequietismo soberbo e as ambições aguçadas das famílias senhoriais, a cuja força e lealdade, em seus castelos, se confiara, nos rudimentos da organização administrativa, o governo dos distritos, e vinham pretender, agora, alargar o seu poderio; e os ciúmes e rivalidades do clero, com tendência a mais profundo domínio. Como a morte de *Miesclau II* seu filho *Casimiro* fosse ainda menor, a viúva *Rixa* ou *Richeza* tornou-se, como alemã, suspeita aos polacos. A insurgência alastrou em tumultos confusos da nobreza — a *Szczapala* polaca — entre si, e dos servos contra os senhores, e dos velhos crentes do paganismo com os novos fiéis da religião cristã. *Casimiro*, chegando à maioridade e ao vir tomar o governo, procura restabelecer o equilíbrio, ajudando-se do apoio da Rússia por meio do seu casamento com Maria — a Dobrodeza, filha do Duque Jaroslau. É típico o episódio: a Mazovia estava sujeita ao castelão Maslau. Havendo proclamado sua independência no período turvo da regente, negou submissão a *Casimiro*. A revolta era séria pelo exemplo, facilmente contagioso, e ainda porque o insurreto se aliara com prussianos e pomeranianos. O rei ataca-o, vence-o e prende-o em Ploçok. Manda levantar esguia força, onde é justificado com esta legenda: «Quiseste subir muito alto, de muito alto cais enforcado». A lição do castigo foi eficaz porque, reinando dezasseis anos, o rei ficou denominado — *Casimiro-o-Pacífico*, a quem sucedeu *Boleslau II-o-Arevido*, talvez pela sua corajosa e indomável resistência a *Gregório VII*. É curioso de notar-se que, alvorecendo ao cristianismo a Polónia desde o seu berço como nacionalidade, os primeiros séculos da sua existência, que bem podem dizer-se os primeiros anos da infância de um Estado, os levou em indisposições e bulhas com o Papado. *Boleslau II* marcou com boa pedra a sua entrada no poder, repondo Bela no trôno da Hungria, que lhe haviam usurpado, e castigando *Vatislau*, Duque da Boémia. Uma cavalheiresca fantasia lhe animava o ímpeto — ser o libertador dos Príncipes oprimidos. Ao chamado de *Izaslau*, atravessa a Polónia, domina todas as cidades que se encontram em sua passagem, cerca *Kiliou* e restitue-o ao poder, de que o socorrido ingratamente logo se serve contra o seu mesmo protector, que tem de voltar, agora, novamente, mas para o cercar e combater a êle. Durante este segundo cerco a *Kiliou*, contam os historiadores que *Boleslau* se deixou enfeitiçar pelos «olhares das brancas filhas da Rússia, funestas e desavergonhadas cortesãs», e deleitar pelas volúpias que amolentam o coração e destemperam a coragem, longo prazer dos sete anos que «de partor, Jacó servia», mas lassos e envenenados de orgia. Infesta influência, acrescentam, tiveram, na vida das mulheres traídas pelos chefes guerreiros, que, com êle, compartilhavam do banquete festivo, êsses desmandados, corrompendo-se elas também, em anárquica luxúria de costumes. Regressando da expedição, *Boleslau* toma partido por *Henrique IV* contra *Gregório VII*, e, a exemplo de alguns dos seus antepassados, faz-se a si próprio coroar como rei da Polónia. *Estanislau*, Bispo de Cracóvia, censura-o então publicamente: e *Boleslau* castiga-o com a morte nos degraus do altar. *Gregório VII* excomungou-o, pôo o reino em interdito e libera o povo do seu juramento de fidelidade: e «*Boleslau* o vitorioso, *Boleslau* o soberbo, cuja espada sangrenta havia semeado o terror das frescas margens do *Vistula* às tristes solidões da *Tartaria*, abandonado dos seus, obrigado a descer do trono e a depor as insignias da majestade real, foi procurar um asilo na Hungria e morrer, sob nome suposto, em obscura abadia, empregado nos mais grosseiros e vis serviços». (*Hauréau*). Não se nos afigura sumamente ou até razoavelmente acreditável que tam resignada e dolorosa expiação tivesse como única determinante a morte cruel do mártir *Estanislau*, antes, segundo os confusos dizeres doutros historiadores, mais pendemos a crer que a influíram, aproveitando o ensejo, algumas conjuras internas, de que resultou o interregno de *Vladislau Hermano*, que não usou o título de Rei, mas apenas o de Duque, logo fácil em conceder mais privilégios ao clero e à nobreza. Além de um filho, a quem deu o nome de *Boleslau*, teve, de seu casamento com *Yuta*, viúva do Rei da Hungria e irmã de *Henrique IV*, várias filhas; mas havia um bastardo, *Zbigniew*, que se arrogava também direitos à sucessão, vindo assim originar a repetição das velhas lutas quanto a partilhas, que o próprio Duque procurou regularizar, ainda em vida, fazendo a distribuição por *Boleslau*, armado cavaleiro aos quinze anos, e *Zbigniew*: o que não obteve às retaliações que logo rebentaram após a sua morte. Naquela partilha, coube a *Boleslau* — a *Cracóvia*, *Sandomir* e a *Silésia*; a *Zbigniew*: a *Cuiávia*, a *Maróvia* e o ducado de *Leneziça*.

Um Artista num Aniversário

Faz no próximo dia 20 um ano que foi inaugurado o novo Teatro, iniciativa louvável e feliz de *Bernardino Jordão*. E sempre que alguma coisa há de novo na nossa terra, sempre que há alguma coisa de mais elevado e de intenções verdadeiramente bairristas, não faltam os entraves, as malquerenças, o péssimo feito de desdenhar, de agredir, de dar um outro sentido, um sentido falso, à melhor das intenções. Esta pecha lamentável e prejudicialíssima, não faltou antes e depois da construção do Teatro e até poucos dias antes da sua abertura.

Mas tudo se resolveu, senão com espírito de justiça — porque o não houve — pelo menos o melhor que foi possível. O Teatro inaugurou-se e os vimaraneses possuem já uma esplêndida casa de espectáculo, — esplêndida em qualquer parte.

No dia da abertura tivemos a arte de Mestre *Gil*, interpretada pela genial *Rei Colaço* e pelos actores do Teatro Nacional.

Agora, decorrido um ano, outro Artista, de outra modalidade da Arte, vem até nós: *Oscar da Silva*.

A música é a sublime Arte. *Oscar da Silva* é Artista dessa Arte sublime. O seu nome conquistou já os merecidos louros, porque sempre tem sabido vencer na Arte difícil a que se consagrou, tornando-se, deste modo, uma glória legítima da música.

Como santos da porta não fazem milagres, *Oscar da Silva*, insigne compositor e pianista, teve que procurar lá fora, e principalmente no Brasil, o prémio ao seu esforço, a justiça ao seu trabalho. E só assim os seus compatriotas — nós, os portugueses — poderam verificar que existia mais um português com méritos e qualidades invulgares.

Regressado há pouco do estrangeiro, o apreciado Artista romântico, vem até nós, até à terra de Guimarães, como embaixador daquela Arte suavíssima, que prende e que encanta, aquela Arte que tornou célebres *Chopin* e *Schumann* que o Artista tão impecavelmente interpreta.

Seja pois bemvindo à nossa terra o primoroso pianista que o Dr. *Ivo Cruz* — outro Artista admirável — classificou com justiça, de «medium» maravilhoso de todos os sentimentos que agitam a humanidade».

São João das Caldas, 15 de Novembro de 1939.

X. X.

A Carripana...

Se a Carripana do Correio não existisse somente para contrariar todas aquelas pessoas que prezam em muito elevado grau o nome glorioso de Guimarães, não seria justificada a campanha contra ela. Mas, como essa campanha teve muitos adeptos e muitos apaixonados, eis o motivo por que hoje uns e amanhã outros nos pedem que não a larguemos do bico da pena, até que desapareça tão

Mas este, levantando os pomeranianos, ataca seu irmão, que o derrota e lhe perdoa, — perdão de que êle se serve para voltar a atacá-lo e ser novamente vencido.

“Quere,, ou “quer,,?”

Sr. Director: — mau, mau, mau... Depois, não se diga que sim e mais que também.

O sr. G. chamou-me à pedra. E eu não fingi que não ouvia.

Disse das minhas razões, sem qualquer palavra que ferisse o sr. G. na sua oúpa, quanto mais na sua pele. E o sr. G., na réplica publicada no último n.º das *Notícias de Guimarães*, desce do pedestal da serenidade, da objectividade, do como deve ser, e desata a fazer-me cócegas — falando no meu «velho sestro de embrulhar as questões e envincilhar discórdias», dizendo que sou «cego por temperamento» e quero «cegar os leitores».

Por esta vez, passa. Por esta vez, fecho os olhos, contendo-me, finjo que não ouço. Mas é por esta vez. Se o sr. quer discutir o assunto sem a preocupação das pessoas, tem-me às ordens, com todo o prazer, e tanto quanto as minhas canceiras mo permitirem.

Agora, se lhe agrada envolver na discussão as circunstâncias especiais de cada um de nós, também me tem às suas ordens, — embora sem a mais leve sombra de prazer.

Pósto isto — vamos ao caso da *Lírica* de Camões, editada pelo Prof. José Maria Rodrigues.

Observa o sr. G. que dei muita «pancadinha no grande José Maria Rodrigues, para agora me servir da *Lírica* ainda a escorrer sangue».

As críticas que fiz à edição da *Lírica* não têm nada que ver com a citação dela no problema que se discute.

Contestei, nessas críticas, dois pontos fundamentais: 1.º que fôsse edição crítica; 2.º que pudesse inspirar-se, a sua organização, nos amores de Camões e da Infanta D. Maria, amores de que não há o mais ligeiro indício, directo ou indirecto.

Outro dia, citei-a, para mostrar que o Prof. José Maria Rodrigues tanto considera *quer* e *quere* como palavras diferentes na pronúncia, que escreveu, ao transcrever Camões,

«Porém não quer Amor que lhe resistia Nem a minha alma o quer», que em tal tormento...».

Que terá uma coisa com a outra, leitor pio?

Muito custa ao sr. G. dar a mão à palmatória!

E então sai-se com esta:

«Os dois apóstrofos citados só provam duas coisas e nada mais. Que o grande camonista esqueceu o bom curso da forma *quer*. Que nem ao menos reflectiu na elisão natural do e antes de *Amor*.»

Se eu dei muita pancadinha no Prof. José Maria Rodrigues, foi com razão. O sr. G. dá-lhe um piparote — e sem razão nenhuma.

E nesta emergência, defendo eu o Prof. José Maria Rodrigues. Dentro do critério da ortografia oficial, a 3.ª pessoa do presente do indicativo do verbo *querer* é *quere*. O editor da *Lírica* não tinha que lembrar ou esquecer o bom curso da forma *quer*; tinha muito simplesmente que obedecer às determinações do Código. Se, segundo êste, é *quere* que se deve escrever, os dois apóstrofos estão muito bem.

No primeiro caso, — porque *quere* *Amor* é muito diferente de *quer* *Amor*. Basta ter ouvido, e ler alto, para se notar a diferença.

No segundo caso, — porque *quere*, que tem uma sílaba a mais, e errava, consequentemente, o verso.

Portanto, se querem escrever *quere*, escrevam à vontade; mas não se diga que foneticamente *quere* = *quer*.

E como é isto que se discute, não é preciso que a gente se arranhe por amor disto.

Sempre m.º amigo
Alfredo Pimenta.

raro exemplar dos vestígios do retrocesso. Cá estamos, por isso, uma vez mais, a pedir a substituição da impertinente *Carripana*, a-fim-de-que ninguém possa aproveitar esse pretexto para nos chamar um povo atrasado ou, pelo menos, indifferente. E porque os Vimaraneses não são uma nem outra cousa, justo é que sobre êles não recaia qualquer labéu que possa afectar a natureza da categoria que por direito esta terra possui. A miséria da *Carripana* em questão há-de, pois, desaparecer, por que assim o exigirá o critério das pessoas que sobre o assunto se devam pronunciar. Portanto, aguardemos.

O NATAL dos nossos pobrezinhos

NATAL!: Está à porta o grande dia da Humanidade — aquele grande dia que o Mundo viu nascer, na suprema Beleza duma Esperança, cheia de Redenção — que havia de tornar os Homens mais irmãos pelo espírito e pelo amor. Filhos de Deus — os homens esqueceram depressa as Promessas de Jesus, e os seus ensinamentos e exemplos de Fraternidade e Caridade, ainda hoje — passados 1939 anos —, são recordados pelos pobrezinhos de alma lavada e simples como as almas das crianças... É que os Pobres trazem, no seu magnífico coração, o Evangelho Cristo: cumprem-no e rezam-no numa contemplação bendita que sobe do seu pensamento ao Céu...

Todos devem procurar fazer como os pobres — praticá-lo: os nossos queridos leitores, a exemplo dos outros anos, vão — disso temos a doce certeza — concorrer para miuorar um pouco a sorte dos desgraçados — contribuindo com um óbulo, por mais pequeno que seja, para a Noite da Grande Ceia, em que Ricos e Pobres se reúnem em Santa Comunhão de Família.

— Está aberta a nossa subscrição!

«Notícias de Guimarães», 100\$00

GAZETILHA

No domingo que passou bastante gente ficou com a beiga mui crescida; houve até indignação por o Grupo Campeão ter dois furos... na corrida.

Um furioso vi eu, com jeitos de fariseu, os jogador's insultar; e quem o palerma ouviu, mas futebol nunca viu, deu razão ao seu falar.

Eu gostava de o lá ver, atrás da bola a correr, a suar, «ali à preta»; e como não pesca nada, no fim, apanhar «lambada» para não ter tanta treta.

Os rapazes, se perderam, se de «côco» êles «beberam», que diabo — deixar lá. Haja calma e confiança porque o prato da balança inda pesa mais de cá.

Mas há tipos egoistas que só querem ver conquistas em tudo o que lhes convém; e se a coisa sai dos eixos, dão maldosamente aos queixos, não sabem poupar ninguém.

Foi pena ter-se perdido, e eu fiquei aborrecido, digo-o com toda a franqueza; mas dai a insultar, em cavalgadura «armar», vai uma difrênc'a tesa.

BELGATOUR.

A homenagem ao Sr. Presidente da Câmara

É já avultado o número de inscritos para o jantar de homenagem ao ilustre Presidente da Câmara, sr. dr. João Rocha dos Santos.

Em todo o concelho causou justificada satisfação a iniciativa desta justa homenagem a quem tem trabalhado por dar realiação aos problemas que mais de perto interessam a todos os vimaraneses.

Não tem o sr. dr. João Rocha dos Santos descuidado, também, os problemas da assistência, contribuindo, com a criação de Casas dos Pobres, para minorar as agruras da vida dos desprotegidos da sorte. E assim se compreende que todo o concelho se associe à homenagem que lhe vai ser tributada no próximo dia 28.

Da Comissão Promotora também fazem parte os srs. Comandante Carvalho Crato e o capitão-médico dr. Machado Guimarães.

Foi convidada para abrilhantar o banquete a Orquestra Vimaranesa, da hábil regência do sr. António Guise, a qual nessa noite se vai apresentar com distintos professores do Pôrto. Num gesto verdadeiramente bair-

Nova Comissão da União Nacional de Guimarães

ACTO DE POSSE

Pelo sr. dr. Leopoldo Martins de Freitas, prestigioso nacionalista, foram empossados, no dia 11, pelas 17 horas, de membros da nova Comissão da União Nacional do Concelho de Guimarães os srs. dr. José Francisco dos Santos, coronel Duarte Amaral, Hugo de Almeida, dr. José Maria de Castro Ferreira, dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, José Ribeiro Moreira de Sá e Melo, Joaquim de Azevedo e Joaquim da Silva Ferreira Monteiro.

Em breves mas expressivas palavras o sr. Presidente da nova Comissão, dr. Leopoldo Martins de Freitas, saudou os novos membros da União Nacional e afirmou que toda a actividade desta Comissão se cingiria rigidamente às directrizes de Salazar.

Em nome dos componentes da Comissão agradeceu o seu vice-presidente, sr. dr. José Francisco dos Santos.

Em seguida foram enviados os seguintes telegramas: —

Ex.º Sr. Presidente do Conselho — Lisboa — Nova comissão concelhia da U. N. de Guimarães constituída por nacionalistas de sempre afirma empenho ardente de cooperar na obra de Renovação Nacional seguindo as directrizes traçadas por V. Ex.ª.

Presidente, Leopoldo Freitas.

Ex.º Sr. Ministro do Interior — Lisboa — Nova comissão concelhia U. N. Guimarães formada servidores dedicados Estado Novo saída calorosamente V. Ex.ª.

Presidente, Leopoldo Freitas.

Ex.º Sr. dr. Albino dos Reis Presidente Comissão Executiva U. N. — Lisboa — Ao entrar exercicio suas funções comissão concelhia U. N. Guimarães apresenta V. Ex.ª calorosas saudações e oferece leal e dedicada colaboração.

Presidente, Leopoldo Freitas.

Ex.º Sr. dr. Miguel Braga Presidente Comissão Distrital U. N. — Braga — Nova comissão concelhia U. N. afirma sua satisfação em prestar a V. Ex.ª colaboração leal e activa.

Presidente, Leopoldo Freitas.

Ex.º Sr. Governador Civil — Braga — Nova comissão concelhia U. N. Guimarães composta por nacionalistas primeira hora saída V. Ex.ª e afirma sua fé destinos gloriosos Revolução Nacional.

Presidente, Leopoldo Freitas.

O «Notícias de Guimarães», agradece os cumprimentos que lhe foram enviados pelo sr. Hugo de Almeida, secretário da nova Comissão Concelhia da U. N. e faz sinceros votos para que a acção daquele organismo redunde em proveito dos interesses de Guimarães e da Nação.

A nova Comissão, da digna Presidência do sr. Dr. Leopoldo Martins de Freitas, apresentamos os nossos cumprimentos.

Os elementos vimaraneses da quele agrupamento artístico ofereceram gentilmente os seus serviços, associando-se deste modo a tão justa homenagem.

Em virtude de ser já muito elevado o número de inscritos, a inscrição encerra-se na próxima terça-feira, 21.

Plano da actividade Camarária para o ano de 1940, aprovado por unanimidade pelo Conselho Municipal

Ex.ªs Senhores:

É do conhecimento de V. Ex.ªs, de toda a cidade e concelho que não temos água, que a iluminação pública da cidade é insuficiente, que as freguesias rurais estão às escuras, que o matadouro municipal, tal como se encontra, é uma vergonha, que os serviços municipais estão mal instalados numa casa arrendada, que a pavimentação das ruas e largos principais da cidade se encontram num estado deplorável e que o Bairro Operário de Urgezês está incompleto e a deteriorar-se.

Estas obras não podem fazer-se com as receitas ordinárias do município. Têm de ser custeadas pelo empréstimo de 3.500.000\$00, já autorizado por Portaria de 7 de Setembro último.

a) Não obstante se terem gasto, durante anos, muitas centenas de contos na exploração de águas, no monte da Penha, a verdade é que a cidade não tem água suficiente durante uma grande parte do ano.

Foram elaborados dois projectos para o abastecimento da cidade: — um para a construção de um reservatório regular e outro para o aproveitamento da água do Rio Ave. A execução de qualquer destes projectos é dispendiosa, e muito mais dispendiosa se tornou em virtude da guerra.

Para resolver tão imperioso e importante problema resolveu a Câmara submeter os dois projectos à apreciação da Direcção dos Serviços Hidráulicos.

b) A Câmara, depois de judicialmente anuladas as concessões da iluminação pública e particular, resc. lven, com a aprovação de V. Ex.ªs e autorização de Sua Ex.ª o Ministro do Interior, a municipalização dos Serviços Eléctricos em todo o concelho.

Esta deliberação causou uma certa inquietação entre os consumidores de energia eléctrica para iluminação e força motriz, com o receio no agravamento das tarifas.

A Câmara que tem como único objectivo bem servir os interesses municipais e os interesses igualmente legítimos dos habitantes do concelho, resolveu consultar a Junta Nacional de Electrificação, tendo de seguir o caminho que lhe for aconselhado.

c) Para a construção do matadouro municipal foram organizados dois projectos de execução, a meu ver, muito cara. Um dos projectos foi subsidiado pelo Estado com a quantia de 200.000\$, por Portaria de 28 de Fevereiro de 1939, na qual se fixou o prazo de doze meses para a conclusão da obra. Pediu-se a comparticipação, sem previamente se ter adquirido o terreno indispensável ao edificio, e daí a impossibilidade de se iniciar a obra e de a concluir no prazo fixado. Só por esse motivo foi anulada a comparticipação concedida.

O actual matadouro poderá, segundo informações autorizadas, que colhi, transformar-se num matadouro higiénico, com a capacidade suficiente para as necessidades locais. As obras de transformação, que devem ser também comparticipadas pelo Estado, custam menos 50 % do que o projecto que se ia executar.

d) Há mais de 15 anos que se iniciou a construção de um edificio para os Paços do Concelho.

Por circunstâncias de todos conhecidas e até pela sua má localização, esse edificio não pode, por muito tempo, continuar onde se encontra. Impõem-se a sua demolição, aproveitando-se a pedra para outro edificio que deve ser colocado em local a escolher oportunamente.

e) Os nossos principais largos e ruas, e nomeadamente a Avenida dos Pombais, para dar à cidade um outro aspecto, precisamos de ser pavimentados a paralelepípedos, conforme plantas já organizadas, que aguardam a comparticipação do Estado.

Para aplicar muitos milhares de paralelepípedos que a Câmara adquiriu nestes últimos anos, vão pavimentar-se os demais largos e ruas da cidade, não se pedindo para estas obras a comparticipação do Estado, por os paralelepípedos não estarem nas condições que o Estado exige nas obras que subsidia.

f) A Câmara contraiu, em 8 de Janeiro de 1936, na Caixa Geral de Depósitos, um empréstimo de 500.000\$ para a construção do Bairro Operário de Urgezês. Para a sua conclusão tem ainda de entregar à Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais cerca de 200.000\$00.

Como as rendas fixadas pela Lei são bastante elevadas, incompatíveis mesmo com os salários da grande maioria dos operários do concelho, a Câmara, em 15 de Novembro de 1938, propôs à Secção das Casas Económicas a redução das rendas mensais a 40\$00, 50\$00 e 60\$00, respectivamente para o tipo 1.º, 2.º e 3.º. Esta Repartição, manifestando absoluta concordância com a sugestão da Câmara, aconselhou-a, "para não perder todo o capital invertido na construção, (500.000\$00) a solicitar de Sua Ex.ª o Ministro das Obras Públicas e Comunicações o reembolso pelo Fundo do Desemprego.

Este ilustre membro do Governo

atenuou consideravelmente o prejuizo do município, dignando-se conceder por despacho de 5 de Maio último, o subsídio de 234.055\$00.

g) A par destas obras, que se tornam indispensáveis, no ano de 1940, temos de contribuir, o mais possível, para as despesas com as Comemorações Centenárias desta cidade, assim como temos de fazer face às despesas com as expropriações de várias casas, cuja demolição se torna necessária para a parquização em volta do Castelo e Paços dos Duques de Bragança.

h) A crise que as classes pobres atravessam agravada presentemente com a guerra na Europa, obrigou a Câmara a elevar o subsídio já concedido à casa dos pobres desta cidade e a promover a criação de outras casas similares nos centros mais populosos do concelho.

i) O Código Administrativo, artigo 641.º, impõe à Câmara a obrigação de dotar as obras e melhoramentos rurais. Pretende a Câmara cumprir esta disposição legal, gastando além de 25 % dos adicionais às contribuições do Estado, e portanto do imposto de trabalho nas fontes e reparações de caminhos e estradas já existentes. Abrir novas estradas e caminhos enquanto não estiverem convenientemente reparados e concluídos os actuals, afigura-se-nos um grave erro de administração.

j) No orçamento do ano corrente, foi inscrita uma verba para o campo de jogos. Interessa à cidade e concelho que essa aspiração se converta numa realidade.

Pelo exposto, e em obediência ao determinado no artigo 642 do Código Administrativo, tenho a honra de propor as seguintes bases para o orçamento de 1940, elaboradas de acordo com a Câmara.

Computo e aproximado das despesas a efectuar assim distribuidas:

— Encargos de empréstimos	150.000\$00
— Aposentações	15.000\$00
— Presidência, Secretaria, Tesouraria e outros serviços	280.000\$00
— Higiene e limpeza	110.000\$00
— Assistência e beneficência	250.000\$00
— Agua e luz	1.500.000\$00
— Cemitério	15.000\$00
— Matadouro	700.000\$00
— Mercados, feiras e impostos	130.000\$00
— Obras	767.000\$00
— Melhoramentos rurais	350.000\$00
— Jardins	30.000\$00
— Cadeia	15.000\$00
— Policia	100.000\$00
— Instrução	200.000\$00
— Turismo	90.000\$00
— Comemorações Centenárias	200.000\$00
— Afeições	8.000\$00
— Expropriações	150.000\$00
— Pagamentos a diversas entidades por consignação de receitas	390.000\$00
A transportar	6.450.000\$00
Transporte	6.450.000\$00
Diversos encargos não especificados	50.000\$00
Total Esc.	6.500.000\$00

— Não se criam novas receitas nem novos lugares.
— Não é possível fazer economias.
— Vai contrair-se na Caixa Geral de Depósitos o empréstimo, em conta corrente, de 3.500.000\$00, já superiormente autorizado, para ser levantado à medida que se inicie cada uma das obras dotadas.

Guimarães, 6 de Novembro de 1939.
O Presidente,
João Rocha dos Santos.

Teatro Martins Sarmiento faz amanhã um ano que se inaugurou

Faz amanhã um ano que a cidade de Guimarães viu com suprema alegria transformar-se em realidade uma das suas maiores aspirações e o sonho de muitos anos, ao abrirem se solenemente as portas dessa casa que a iniciativa e boa vontade de um homem que se chama Bernardino Jordão fez erguer para honra desta Terra que tanto o admira e estima.

Desde então quantas noites de arte e de prazér espiritual nos têm sido proporcionadas a nós, vimaranenses, e a todos aqueles que nos visitam dia a dia!
É justo, pois, ao recordar o memorável acontecimento na vida de Guimarães, saúdard calorosamente esse Homem a quem estamos devendo o maior melhoramento de iniciativa particular.

A Empresa Jordão & C.ª para comemorar o 1.º aniversário da inauguração do Teatro, realiza amanhã, às 21 horas, um sensacional Concerto de Piano, sendo executante o grande Artista Oscar da Silva, nome conhecido e admirado no nosso País e no Estrangeiro pela fama de que goza.

Criticas Pequenas

As tentativas de Cândido de Figueiredo em corrigir erros vários de linguagem vão tendo sequazes de aturado estudo.

Será d'êles Moreno o mais excelso? Dos maiores é êle com certeza.

Moreno, no último número da *Educação Nacional* contradiu um caso, devras intrinca-do, de análise em que *A Flor de Lis* fizera reparos ao grande Mestre.

Não obstante essa formidável réplica, apraz-nos transcrever d'*A Flor de Lis* as razões de mantermos a velha pronúncia de *homilia*, a rimar com *alegria* : —

«Eu sempre pronunciei *homilia*, com acento proferido no segundo i. Augusto Moreno (*Lições de Linguagem*, vol. I, pág. 82, não concorda, e até dirige um remoquezinho desalegrante ao Clero, que não é, na quasi totalidade, da sua opinião. Pois eu não tenho dificuldade nenhuma em documentar a forma da minha preferência : A palavra é grega de origem, e, nesta lingua, é paroxitona. Como esta, eram no também *eucharistia* e *philosophia*. Os latinos vacilaram na pronúncia destes vocabulos. Por um lado, queriam conservar a prosódia helénica, como era natural; por outro, queriam observar o preceito da sua gramática que manda fazer incidir o acento sobre a antepenúltima sílaba, quando a penúltima é seguida de vogal. Era, neste caso, uma simples questão de *quantidade*. Mas esta perdeu quasi toda a importância a partir do Século V, o que deu em resultado a preferência da leitura grega, tanto mais que, por outro lado, se começava a tender para pronunciar como graves muitas outras palavras até aí esdrúxulas. Tornou-se, por isso, tam vulgar a pronúncia de *filosofia* e *eucaristia*, que até o Sr. Augusto Moreno manda (nos seus dicionários) pronunciar assim estes dois termos. Por que há-de fazer excepção de *homilia*? Por causa da autoridade de Gonçalves Viana? O grande Mestre, como foneticista, era homem de fama mundial; como romanista, não sei de quem o haja excedido; como cultor de linguas clássicas, deixava, porém, algo a desejar. Ocorrem me agora dois deslizes dêle em questões de latim: no tomo I, pág. 418, das *Apostilas aos Dicionários Portuguezes*, supõe *erum* (palavra que, segundo creio, nunca existiu) como supino do verbo *erigere*; na página 141 da *Orthografia Nacional*, diz que o plural latino de *cadaver* é *cadaveres*. Ora qualquer aluno vulgar do segundo ciclo dos nossos Liceus sabe mudar aquelas duas palavras, respectivamente, para *erectum* e *cadavera*.

Águia da Felperra.

Merece palmas o esvoaçar da *Águia!*

UMA HOMENAGEM

Um grupo de amigos e admiradores do sr. Dr. João Rocha dos Santos, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, resolveu promover, em data próxima, uma significativa homenagem a êste dedicado vimaranense, da qual constará um banquete em sua honra. Achemos acertada a lembrança, visto que o sr. Dr. João Rocha dos Santos tem trabalhado com muita vontade e com muita dedicação pelo progresso da cidade e concelho de Guimarães, o que se pode provar com tudo aquilo que se deve à sua inteligente e ponderada acção como Presidente do Município. Sem ambicionar o lugar — e antes o aceitando a pedido de vários amigos, que, como ainda sucedeu desta última vez, muito insistiram junto de sua ex.ª no sentido de o ir desempenhar mais uma vez — a sua obra tem sido fértil em melhoramentos de grande vulto. Portanto, os habitantes do concelho apenas cumprirão um dever associando-se à homenagem em referência, única e simplesmente por que nunca é de mais manifestar por qualquer forma a gratidão de quem de direito a pessoa ou pessoas às quais essa gratidão é devida.

É no caso presente, mais do que nunca essa manifestação de simpatia pelo Senhor Presidente da Câmara tem lugar, uma vez que é sabido que sua ex.ª aceitou com sacrifício o

Uma história e uma resposta

Há dias, discutia-se com certo calor um assunto e nessa discussão entrava um desses indivíduos que, sobretudo aos sábados, costumam vir à cidade. Quando em determinada altura um dos presentes discutia com entusiasmo e com argumentos de sólida certeza aquilo que afirmava, o tal dos sábados transformou-se muito rapidamente em *perú armado* e disse a um dos seus antagonistas: "Você lembre-se que eu sou um indivíduo formado e que, portanto, tenho outra competência que você não tem para discutir este caso; não julgue, pois, que sou qualquer Zé da Aldeia, dêsses que há por cá, pela cidade, e com pretensões a jornalistas." Como se vê, o tal cavalheiro formado, talvez habituado a discutir com lapónios, quis elevar-se até às culminâncias por onde param os grandes sábios, não se lembrando de que tinha perdido a *transmontana* e que passou, em virtude disso, a ser incorrecto e a não ter respeito pela humildade em que outros vivem, sem que, contudo, deixem de ter qualidades dignas de apreço.

E a propósito, é o Zé da Aldeia que oferece ao tal cavalheiro formado a leitura da seguinte história contada por indivíduo diplomado com um Curso Superior.

Ora leia, seu teso, que esta *prosa* é só para si :
"Visitando determinada residência solarenga, alguém da casa chamou, solícito, a minha atenção para duas "crendências império", colocadas ao fundo da sala, de cada lado da janela. Vi, examinei, elogiei, e, uma vez na rua, não resisti à tentação de perguntar ao amigo que lá me levava, quem era aquele sábio e jovem senhor das crendências. Resposta: o sobrinho do dono da casa, diplomado com um Curso Superior, doutor como você e como eu...
Confesso que embatuei e corei, não só por êle e por mim, mas, ainda, pelas lindas crendências que, sem serem "império", eram, de facto, duas excelentes peças de marcenaria portuguesa do século XVIII. E agora, assim documentado, peço licença para discordar da afirmação, tantas vezes feita, de que quando à frente de quaisquer organismos estiverem pessoas que possuam Cursos Superiores, essas pessoas são competentes. A aceitar tam estranho critério, como justificar, por exemplo, entre outros, a competência de um Alexandre Herculano ou de um Oliveira Martins, não lembrando, é claro, todos os Reis de Portugal, que nunca foram doutores e, no entanto, edificaram o reino e o império? Ser formado, ter um Curso Superior, é, apenas, possuir um atestado de habilitação, de provável competência, a comprovar ou a desmentir, depois, na áspera luta da vida. E a vid, mestra muito velha, muito sábia e prudente, de óculos acavalados na ponta do nariz, encarrega-se, ainda, por sua vez, de ensinar e demonstrar que a exigência e o bom senso — grandes valores positivos — são habilitações sem diploma, individuais, que não se recebem fechadas no canudo de folha de uma Carta de Curso..."

Esta história, que se ajusta ao caso que presenciiei, em toda a sua extensão e significação, é uma lição que pode ser muito útil a todas aquelas pessoas que enveredam pelo caminho da vaidade, como se dá com o cidadão em referência, cujo nome fica occulto a título de exemplo da benevolência com que o trata êste humilde e não pretensioso

Zé da Aldeia.

pedido, que, como já se disse, lhe fôra feito por vários amigos para novamente presidir à digna vereação municipal. Trata-se, pois, de uma função que não foi mendigada, mas imposta pela força de circunstâncias dessa ocasião, perante o que o sr. Dr. Rocha dos Santos hesitou, mas, felizmente, sem ter levado essa hesitação para o campo da irredutibilidade. Por isso, o gesto de sua ex.ª, sacrificando os próprios deveres e interesses profissionais em benefícios dos interesses gerais de todo o concelho, é digno de muito reconhecimento por parte, sobretudo, de quem recebe directamente o fruto da acção Municipal, a qual também estão ligados os nomes de outras pessoas que colaboram nela, os dos Srs. Vereadores. E assim, verifica-se que é um acontecimento por meio do qual é interpretado o desejo dos Vimaranenses, da mesma forma que o seria com qualquer outro Presidente que se encontrasse em igualdade de circunstâncias, porque, em casos desta natureza, a função suplanta o indivíduo. Pelo menos, assim deve ser, em virtude do que nunca pode haver melindre para quem quer que seja.

X.

ITINERÁRIOS

VII

Do Dr. Américo Durão.

Era então que se sentia apertadamente cativa no *in pace* mudo e tenebroso do seu cárcere. Em qualquer estação do ano, sempre a noite era melancólica e brumosa como a cinza crepuscular do outono — a primavera desnuda, envelhecida e erma, ramos esgalhados e sêcos, folhas langues e sêcas, juncando a terra fôfa e húmida como nova sepultura, apenas coberta. Enregelava de vagos medos nervosos, e arrepios de frio, em suor, mordiam-lhe a carne. Com a solidão e a treva, a noite incarnava-se em realidade presente, alician-te, pèrfida, esmagadora: a voz do silêncio ia insinuando-se do vago sussurro das coisas adormecidas na balada das quimeras dos sonhos — os ardentes e contidos e secretos desejos de tôdas as coisas, e de todos os seres — e crescendo — do murmúrio disiante, quasi imperceptível; do remexer das folhas e dos ninhos; do deslizar das gotas de água nas fontes ou nos ribeiros; no esfiar da brisa; dos passos tardos de algum caminhoneiro; das confidências dos namorados; do vagir das crianças nos berços, pelas choupanas rudes; e dos soluços desconsolados, dos gemidos brandos dos enfermos, dos estertores dos ébrios, do arfar cansado dos cavadores — e crescendo ainda sobre todos os mistérios da noite: o silêncio bramia e gargalhava: como uivos soltos de vendaval furioso e descomposto. Aterrada, Maria Teresa ouvia-o na sua tortura, com muita humildade, em sua feroz inclemência, tremendo e ansiando por, em algum dos seus estos revoltos e inesperados, lhe ouvir gritar o seu nome com desprezo, ou florir o seu nome em doce evocação de ternura... Mas tudo, o silêncio, como vento impetuoso, trazia e arrastava no torvelinho confuso, menos a doce voz enamorada...

Como o silêncio se orquestrava em clamores, a escuridão espessa do quarto enchia-se de visões. A princípio, dormia sem luz. As portas não tinham bandeira, mas, com receio de que a luz se coasse pelas frinchas, não se arriscava a acender nem mesmo um fósforo. Assim o espaço alargava-se sem limites, e tôda a vasta noite lhe parecia concentrar-se ou vir ao seu encontro, na pequenina noite da sua acanhada cela. Via-se em seus passos de criança, subindo a rua, lageada de humidade gordurosa e negra, ainda morna do entontecimento do sono, atrás da mãe, correndo as missas e as devoções; via-se no seu alegre quarto de menina, entre os seus brinquedos e os primeiros livros, a enfiar as malhas das costuras; descia à loja do pai, a quem tantas vezes gostava de surpreender com as suas traquinices e os seus mimos; lembrava-se e recordava tôdas as ocasiões que com o moço vizinho se fôra encontrando, e como, sem se darem qualquer sinal, se acostumaram a ver-se a horas certas... De repente, estremecia, julgando sentir aproximar-se da cama, em que se deixava estar sentada, olhos abertos, muito atenta, figuras sinistras, de arrepelados moços, com facinorosos esgares. Até que, ao fim paciente de longos meses, foi criando o hábito de ter a lamparina acesa, como por devoção, em cima da cómoda, a alumiar a imagem da Senhora. E logo aquele penoso tormento e cruel martírio de affligidas vigílias se fixou como regra e até mesmo única razão de ser da sua vida. Ao menos, cercadas as grades da prisão, fechado o quarto, sepulta no esquecimento e pela noite, o espírito era livre, era livre a dor

— para sentir, hora a hora, o ir morrendo na solidão. Por vezes, e porque dotada de boa memória, feliz e pronta, (ainda mais devido ao Marcelino, no cuidar escrupuloso da composição metódica do seu trabalho, a fazia repetir e de novo ditava páginas já escritas, emendando e tornando a emendar), acudiam-lhe passagens soturnas, trechos macabros dos sermonários. Certo lapso de tempo, fixamente, insistentemente, recordava as cerimónias dos autos-de-fé: via os condenados com o sabenido e a tocha, a caminho do horrendo suplicio; assistia àquelele trágico desfile, processional, entre a arraia avinhada e insultante; fixava os desgraçados lázaros, que resuscitavam dos jazigos das mais lugubres prisões, e da bestial, infamíssima e assassina tortura dos suplicios, para o gaudio farsístico e degradante — estupidamente exibido — de nova morte ignominiosa e barbaramente cruel; e ouvia, cheia de pasma e sufocando em piedoso desvaivamento de revoltada indignação, como a prolongar, diante da Côte e do Povo, a tragédia apavorante, a lamentável eloquência da corugenta pregação:

«... Não há mais que vos não venha em justo castigo. Já não há cêpos para o fruto, mas cêpas ou troncos, para o fogo, e não basta este fogo para alumiar tanta cegueira

... Na metáfora da vida vos chama Isaias filhos de óleo e o óleo é matéria de fogo, e alimento da luz: mas vos não tomastes do óleo servir a luz, mas ser pasto do fogo (isto, àqueles desventurosos, em cujas fogueiras de queimados sabiam e sentiam já estorcer-se, rechimados!), caistes no fogo para fugir da luz. Já lá vai a vinha da Sinagoga (em vitupério soberbo ou crédulo, pelo ardor da qual fé os haviam condenado...), é chão. que foi vinha, mas — que digo? Não é chão sólido e capaz de fruto, é um pouco de pó espalhado» (como, em breve, e a seguir, as cinzas dos sentenciados espalhadas seria como pó de veneno, convertido em bálsamo de justiça)!

Frei José de Oliveira, Bispo de Angola, ouvido pelo Rei e Altezas, eminente e solene a atenção do Cardeal Nuno da Cunha, nem fingia de embargo a comoção a severidade do transe:

«... Já que não podeis evitar o fogo temporal... pedi perdão do justo castigo em satisfação dos vossos pecados»

Ou, então, como em Coimbra, ainda exigia a gratidão dos miseráveis:

«... e na circunstância de se fazer deste lugar o Auto (o átrio de S. Miguel), se mostrou também convosco miserericordioso o Santo Officio: porque é o páteo de S. Miguel, e S. Miguel foi o protector e guarda da Sinagoga, como hoje o é da igreja.»

Súbitas labaredas ensanguentavam crepitantemente a treva desolada e fria: olhos atidos ao espectáculo infando seguiam lúbricamente as convulsões terríveis. Ao calor atizado daquele fogo, as almas arrefeciam e gelavam. Ela fugia da cama, transida. Embrulhava-se no chales, ou no lençol, e sentava-se na pedra das soleiras das janelas ou da porta, a procura da esmolinha de pequena migalha de conforto ou calor. Envolvia-se nas tranças, ache-gava-as, fazia-as como o ninho dos seios e passeava, lentamente, as mãos de neve pelo mármore do próprio cadáver.

— Meu Pai, meu Pai!...
E era então que a voz do silêncio se calava, e tôda a fan-

TEATRO MARTINS SARMENTO
EMPRESA JORDÃO & C.ª

HOJE,
às 15 1/2 e 20 3/4 horas

A super-produção premiada na BIENAL DE VENEZA:

Uma francesinha em Nova York

magistral interpretação de *Danielle Darrieux, Douglas Fairbanks J.º e Mischa Auer.*

AMANHÃ, 20:

Concerto pelo grande pianista e compositor

OSCAR DA SILVA.

Vêr programa que noutro lugar se publica.

QUINTA-FEIRA, 23: ESQUADRA HERÓICA

o Actualidades UFA e FOX com reportagem da Guerra.

DESPORTO

GANHAR e PERDER EXAGEROS

O resultado de 2-0 com que fechou a jornada de domingo passado no Campo da Ponte, em Braga, feriu profundamente a sensibilidade desportiva dos vimezanenses, levando-os a exagerar o acontecimento e a tirar dele conclusões deformadas por uma oftalmia caracterizadamente doentia.

Nos meios desportistas há sempre alguém disposto a exagerar os próprios feitos e sempre pronto também a transformar em tragédia as contrariedades mais simples da vida. Será isso, porventura, um sintoma irresponsável da nossa fraqueza. Mas, o que é facto é que mostramos uma incontinência nas nossas manifestações que chega a gerar o ridículo, quer respeitem a um facto que nos honre ou a uma circunstância que nos inferiorize.

E' preciso que tenhamos o sentido das proporções. Dar o aspecto de catástrofe a um incidente de *foot-ball*, proferir disparates à volta do sucedido, é possuir uma noção errada do que é o Desporto, é misturar alhos com bugalhos, é de oito fazer oitenta.

— Não se tem visto aos grandes e bons grupos suceder o mesmo?

A que propósito surge, portanto, a carpideira, ouvida durante toda a semana?

Decerto que nos magoou, como desportista sinceros, a derrota sofrida pela equipe do Vitória, mas não cremos que o acontecimento tivesse afundado o *foot-ball* vimezanense.

Encaremos, portanto, com serenidade e com elevação a derrota de domingo.

Não lhe votemos uma indiferença que ela não merece, mas não exageremos também o seu significado, dando-lhe uma extensão fora de todas as marcas. O acontecimento de domingo passado foi, sobretudo, uma lição.

Agora, no momento que passa, impõe-se-nos o dever de criar ambiente e moral ao «team» que hoje defrontará, em Braga, o Sporting.

Os comentários azêdos, as «blagues», as insinuações, são descabidas e extemporâneas. Insistir nelas, dar sugestões precipitadas, é porventura preparar um ambiente mau e contraproducente.

Evitemo-lo sinceramente, como bons desportistas e como vimezanenses.

António Neves.

tasmagoria da treva se confunde em escuridão absoluta e profunda: era a hora ou horas em que vida e morte se abraçam, beijam e dissipam no mesmo ser e não ser. Até a luz das últimas estrelas desmaia, de cansada, e se apaga de saudável...

(Continua) Eduardo d'Ameida.

Juventude Escolar Católica

Realizou-se no pretérito sábado, dia 11, na sede da J. E. C., à rua Gravador Molarinho, desta cidade, uma brilhante sessão solene que marcou, não só pelo seu significado altamente moral e educativo mas, também, pela assistência, numerosa e escolhida, entre a qual se viam muitas senhoras e cavalheiros da nossa melhor sociedade, autoridades civis e eclesiásticas, professorado, etc.

Depois de passar por uma completa transformação, aquela casa abriu solenemente as suas portas para prestar à mocidade académica do nosso Liceu os valiosos serviços, tão indispensáveis à sua formação.

Numa visita rápida que fizemos, pudemos constatar o grande esforço empregado pelo digno Assistente e nosso bom amigo sr. P.º António Pires Quesado e pela actual direcção que tem como presidente o académico sr. Gilberto Acácio de Figueiredo, aos quais agradecemos o penhorante convite e todas as atenções que se dignaram dispensar-nos.

A sede está confortável, tendo um amplo salão para festas, salas para jogos e uma sala de leitura.

Às 21,30 horas, o rev. cônego dr. Martins Gonçalves, que representava o Prelado da Diocese, acompanhado por Mons. João Ribeiro, muito digno Arcipreste e pelo rev. António Quesado, procedeu à bênção das diversas dependências realizando-se em seguida a sessão solene.

A convite de Mons. João Ribeiro, que abriu a oessão congratulando-se com o êxito alcançado pelo grupo da J. E. C. de Guimarães, que diz ser apontado como um modelo, tomou a presidência o sr. cônego Martins Gonçalves, sendo secretariado pelos srs.: Dr. Augusto Ferreira da Cunha, representante da Câmara Municipal e dr. Aventino Leite de Faria, vice-reitor do Liceu.

Em lugares reservados viam-se ainda os srs.: José Luiz de Pina, dr. João Fernandes de Freitas e dr. José Francisco dos Santos, professores do Liceu; Manuel Soares Moreira Guimarães, delegado concelhio da L. P.; Julião Carneiro da Silva, dr. Francisco Meireles, P.º Aloísio Avelino de Sousa, Assistente Diocesano da J. E. C.; Mg. João António Ribeiro, P.º António Quesado, P.º José Carlos Simões de Almeida, P.º Luiz Gonzaga da Fonseca, P.º Avelino Borda, P.º Augusto Borges de Sá, Professor Antunes, António José Vieira, chefe da P. S. P., representantes da Imprensa, etc., etc.

Usaram em seguida da palavra os srs. P.º António Quesado que saudou a Direcção Arquidiocesana da J. E. C. e os benfeitores do mesmo organismo, principalmente Mg. João Ribeiro que coloca em primeiro lugar, assim como todos os rapazes aos quais dirige um apêlo no sentido de que ães pratiquem a piedade mais e melhor, o estudo, mais e melhor e a acção, mais e melhor; P.º Aloísio A. Sousa que pronuncia um caloroso discurso e lê seguidamente duas cartas, a primeira contendo o subsídio de 300\$00 que a Junta Diocesana oferece para a grande obra realizada pelo grupo Jcista de Guimarães e a segunda em que o Prelado da Diocese nomeia Assistente da J. E. C. de Guimarães o sr. P.º António Quesado. Termina saudando os rapazes; Dr. Augusto Cunha que agradece o convite feito à Câmara e sauda a J. E. C. fazendo breves e interessantes considerações; o académico Gilberto C. Figueiredo, que lê uma interessante poesia; Dr. Francisco Meireles e, finalmente, o cônego dr. Martins Gonçalves que diz que em Guimarães fala sempre com alegria e devoção, porque aqui se recorda o berço da nacionalidade e os feitos maiores da nossa história, acompanhando osromeiros da Pátria. Em Guimarães, diz, resa-se para que ressurgam os heróis e seja mais próspera a vida da Nação.

Terminou falando aos rapazes a quem dirigiu palavras de incitamento e de louvor.

Assim terminou tão encantadora festa que nos deixou as mais gratas impressões.

da cidade

Diversas Notícias

Grémio dos Hoteleiros da Província

Esteve ultimamente em Lisboa, a tratar de um Grémio da Província que agrupe todos os hoteleiros da região, o nosso bom amigo sr. Manuel Salgado Gonçalves, concessionário do Hotel da Penha.

O sr. Manuel Salgado Gonçalves, que conferenciou largamente com o sr. Sub-Secretário de Estado das Corporações, viu a sua tarefa facilitada em consequência de se fazer acompanhar do advogado da classe, sr. dr. Oliveira Braga e do interessado manifestado pelo ilustre chefe do distrito, sr. dr. Joaquim de Oliveira, que defendeu com calor, junto daquele membro do Governo, a pretensão dos Hoteleiros da Província do Minho, que querem organizar dentro do Estado Corporativo mas não desejam estar presos a outro qualquer Grémio, pois isso traria embaraços e dificuldades que aqui melhor se resolverão.

O sr. Sub-Secretário de Estado das Corporações, a quem foram entregues os Estatutos do Grémio, manifestou por seu lado e em face da insistência do sr. Governador Civil de Braga, desejos de ser agradável à Província e resolver de harmonia com os interesses de Braga o pedido que lhe foi feito dentro da maior justiça.

Oxalá que o sr. dr. José Joaquim de Oliveira, que mostrou quanto lhe interessava a resolução deste importante problema, continue junto daquele membro do Governo a patrocinar a causa dos hoteleiros da região, que querem vêr o seu Grémio organizado.

Julgamento

No Tribunal Judicial desta comarca respondeu a sr.ª Joana Pereira Guimarães, casada, costureira, desta cidade, pelo crime de injúrias feitas a um dos professores da Escola Masculina do Coração de Jesus, desta cidade, dentro da própria aula, e quando estava a funcionar, sendo condenada a 30 dias de prisão correccional, substituídos por 30 dias de multa à razão de 10\$00 por dia; no imposto de Justiça, no pagamento de 50\$00 ao defensor officioso, e 100\$00 de indemnização ao queixoso.

Ocorrências

A G. N. R. enviou a juízo, Paulino da Silva, da freguesia de S. Torcato, por agredir Francisca Rodrigues, de 80 anos, da mesma freguesia; Abílio dos Santos, pedreiro, da freguesia de Mogege, Vila Nova de Famalicão, por ser encontrado numa taberna, com uma pistola, calibre 6,35 sem possuir a respectiva licença.

A P. S. P. enviou ao tribunal o processo de investigação referente ao roubo de um corcão de ouro, no valor de 1.500\$00, no qual é queixoso José de Oliveira, e a arguida Maria de Castro.

Pereceu afogado num pôço, em S. João de Ponte, deste concelho, um mendigo, ignorando-se a sua identidade.

Queixou-se à policia, António Martins, caseiro da Quinta de Matos, da freguesia de Santa Marinha da Costa, por no dia 12 do corrente, pelas 16 horas, uns indivíduos que por ali passaram, depois de o insultarem, apedrejaram o telhado do alpendre, pertencente à vivenda do sr. conselheiro dr. Raúl Alves da Cunha.

Para averiguações acerca de um furto de um corcão de ouro, praticado na freguesia de Moreira de Cônegos, foi preso Manuel Cardoso Teixeira, residente na mesma freguesia.

Incêndio

Pelas 11,30 horas de quarta-feira declarou-se incêndio no prédio habitado pelo furriel da G. N. R., sr. Alberto Adriano de Barros, e pertencente à Câmara Municipal.

O incêndio teve origem na cozinha, sendo de pronto localizado pelos bombeiros. Os prejuizos são insignificantes.

Grémio das Mercarias do Norte

O Sr. Ministro do Comércio e Indústria nomeou vice-presidente do Conselho Geral do Grémio das mercarias do Norte o nosso prezado amigo e activo presidente do Grémio do Comércio de Guimarães, sr. Silvino Alves de Sousa, que esteve em Lisboa a fim-de tomar posse daquele cargo.

Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos, felicitando-o pelo lugar em que acaba de ser investido.

Assuntos Venatórios Concelhios

O Delegado do Governo, no concelho de Guimarães, torna público, de harmonia com o preceituado do art.º 43 do Decreto n.º 23.461 de 17 de Janeiro de 1934, alterado pelo Decreto n.º 23.600, que no primeiro domingo do próximo mês de Dezembro, pelas 10 horas, na sala das sessões da Câmara Municipal, se pro-

cederá à eleição dos representantes dos caçadores na Comissão Venatória Concelhia. Quando, por falta de número legal de eleitores, não tenha sido possível efectuar-se a eleição, naquele dia, realizar-se-á esta, no domingo immediato, com qualquer número de eleitores, e com observancia das mesmas formalidades legais.

Policia de Segurança Pública

Em serviço de inspecção à Esquadra Policial de Guimarães, esteve ontem nesta cidade o sr. Tenente Euclides Ribeiro Gomes de Barros, 2.º Comandante da P. S. P. de Braga.

Ordem Terceira de S. Domingos

A Mesa desta Venerável Ordem Terceira, festeja no próximo ano, o 1.º Centenário da abertura do seu Hospital.

Concerto

Realiza-se no próximo dia 26, o concerto de músicas clássicas a executar pela B. dos B. V. dedicado aos seus amigos e admiradores, das 2 às 5 horas da tarde.

Legião Portuguesa

Respondeu no dia 10 do corrente, no Tribunal Militar Territorial da 1.ª Região Militar, do Póto, o chefe de secção n.º 979127044, José Ferreira, deste Batalhão, o qual teve a seguinte sentença: Condenado em dois meses de prisão correccional e dez dias de multa à razão de 1\$00 por dia, e suspensa a mesma pena por dois anos.

Quartel em Guimarães, 14 de Novembro de 1939. — O Comandante do Batalhão, Ernesto Moreira dos Santos, tenente.

Caixa Escolar da Escola Industrial e Commercial

Os alunos da Escola Industrial e Commercial desta cidade elegeram, ultimamente, os Corpos Gerentes da Caixa Escolar deste estabelecimento de ensino, cujo resultado foi o seguinte:

Para a Direcção — António Maria Ferreira da Cunha, José António Simões de Sousa Menezes, José Ferreira Guedes do Amaral António Carlos Simões e João Fernando Ribeiro.

Para o Conselho Fiscal, que é presidido pelo professor sr. Mário Menezes, foram eleitos os alunos: Benjamim da Costa Alves Ferreira e Joaquim Ribeiro Machado.

Batida aos lobos

Promovida pela Direcção Geral dos Serviços Florestais e Agrícolas, realiza-se hoje, na Serra da Cabreira, uma batida aos lobos.

Temos presente o regulamento, que é curioso e que deixamos de o publicar por absoluta falta de espaço.

Agradecemos o convite que nos foi enviado.

Serviço de farmácia

Hoje está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à rua da República.

Festas Nicolinas

Ficou assim constituída a comissão promotora das Festas Nicolinas, no presente ano: Presidente, Paulo Diogo de Matos Cardoso; Secretário, João Leite Coelho Lima; Tesoureiro, José Maria da Silva Almeida; Vogal, Manuel Gaspar Mota Prego de Faria.

Mendigo desconhecido

Apareceu há perto de 15 dias, na freguesia de Galvos, do concelho da Póvoa de Lanhoso, um individuo surdo mudo, que aparenta ter 18 anos, magro, cabelo preto, cuja naturalidade se desconhece.

O Sr. Delegado do Governo, pedenos a publicação do caso, no sentido de a família, a quem o infeliz pertença, se apresentar perante as autoridades do concelho da Póvoa de Lanhoso, a fim-de tomar conta do mesmo.

Tribunal Judicial

Foram distribuídos no dia 16, as seguintes causas:

Acção sumariíssima, de João Teixeira, do lugar de Berrêdo, da freguesia de Santa Marinha da Costa, desta comarca, contra José Leite e mulher, lavradores, do lugar de Covas, freguesia de Polvoreira, também desta comarca.

Pela Policia

Comunicaram à Policia de Segurança Pública desta cidade, de que na noite de 13 para 14 do corrente se perdeu, nesta cidade, uma caneta de tinta permanente, marca «Conklin Nozak», cor vermelha, em fantasia. A pessoa que achou ou transacionou deve participá-lo à Policia, o mais breve possível, e em caso contrário proceder-se-á contra ela a todo o tempo.

Vende-se

boa casa com pequeno quintal, água própria, ramada e árvores de vinho, em Campelos. Tratar com Joaquim do Vale, Quinta dos Cais de Pedra 178

TEATRO MARTINS SARMENTO
Empresa Jordão & C.ª
AMANHÃ 20 de NOVEMBRO 1.º ANIVERSÁRIO **Às 21 1/4 horas**
Concerto de piano pelo Grande Artista **OSCAR DA SILVA**

PROGRAMA

1.ª PARTE

I CHACONE	RIEDMAN
II PRELUDIO	CHOPIN
III NOCTURNO	CHOPIN
IV VALSA	CHOPIN
V POLACA MILITAR	CHOPIN
VI ROMANCE	SCHUMANN
VII ALLEGRO APPASSIONATO	LIAPOUNOW
VIII VALSAS NOBRES	SCHUBERT-DOHNANYI

2.ª PARTE

I INTERMEZZO	MUSSOROSKI
II PIROUETTE	GLAZOUNOW
III REGRESSO DOS CEIFEIROS	OSCAR DA SILVA
IV QUEIXUME	OSCAR DA SILVA
V GLADIADOR	OSCAR DA SILVA
VI IMPROVISOS	OSCAR DA SILVA

Boletim Elegante

Dr. João Bocha dos Santos

Regressou de Lisboa, onde foi tratar de assunto de interesse para Guimarães, o ilustre Presidente da Câmara, sr. dr. João Rocha dos Santos.

José de Oliveira Pinto

Também regressou de Lisboa o ilustre Delegado do Governo neste concelho, sr. José de Oliveira Pinto.

Alberto Pimenta Machado

No próximo dia 21 passa o aniversário natalicio do nosso prezado amigo e importante industrial e capitalista, sr. Alberto Pimenta Machado, a quem, por tal motivo, apresentamos os nossos cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Regressou das suas propriedades de Baiona, Taipas, o sr. Cônego Alberto da Silva Vasconcelos.

Das suas propriedades da Boucinha regressaram a esta cidade os srs.ª D. Maria da Glória Rocha dos Santos e D. Sara Rocha dos Santos.

Com sua família regressou à sua casa da Foz do Douro o nosso bom amigo e ilustre Oficial da Armada, sr. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão.

Encontra-se em Lisboa para fazer o curso para 1.º sargento, o nosso prezado amigo sr. sargento Júlio Mendes, há muito tempo em serviço em Inf. 23, de Angra do Heroísmo.

Doentes

Tem passado incomodado o nosso prezado amigo sr. Francisco de Assis Pereira Dantas.

Tem melhorado dos seus enco-modos o nosso prezado amigo sr. José Faria Martins.

Foi acometida de uma congestão cerebral a esposa do importante industrial e capitalista, sr. Francisco Inácio da Cunha Guimarães.

No Hospital da Misericórdia foi submetida a uma melindrosa operação a sr.ª D. Nôemia Nogueira Abreu Ribeiro, esposa do nosso prezado amigo sr. António Emílio da Costa Ribeiro e filha do nosso prezado amigo sr. José Pinto Teixeira de Abreu.

Encontra-se doente o sr. Padre Gaspar Nunes, digno Director do Internato Académico.

Desejamos as melhoras de todos os doentes.

Aniversários natalicios

Fizeram e fazem anos: Dia 17, o nosso bom amigo sr. Manuel de Matos Marinheiro; dia 19, o nosso prezado amigo sr. Manuel António Branco; dia 27, o também nosso bom amigo sr. Joaquim da Silva Eugénio e no dia 30, o nosso prezado amigo sr. Francisco da Cunha Mourão.

A todos apresentamos as nossas felicitações.

D. Guilherme da Cunha Guimarães — No dia 25 passa o aniversário natalicio do nosso ilustre conterrâneo e venerando bispo de Angra do Heroísmo, sr. D. Guilherme da Cunha Guimarães que, como já noticiamos, é esperado em Guimarães na próxima semana.

A sua ex.ª os nossos cumprimentos respeitosos.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Aniversário das almas em S. Pedro

Na forma dos anos anteriores realizar-se-á, nos dias 2 e 3 de Dezembro o aniversário das almas com o seguinte programa:

No dia 2, à tarde, officio defunctorio, seguido de Libera-me; no dia 3, às 11 horas, missa solene, de tarde, pelas 16 horas, Sermão e Responso. Estes sufrágios são mandados celebrar pela Mesa da Irmandade das Almas, erecta na mesma Basilica de S. Pedro.

De luto

Pelo falecimento de uma sua cunhada, encontra-se de luto o nosso prezado amigo e estimado proprietário

em Vila Nova de Infantes, sr. Celestino Lobo, a quem apresentamos condolências.

Sufragando

A Mesa da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, manda celebrar no próximo domingo, às 10 horas, na Basilica de S. Pedro, uma missa em acção de graças, pelas melhoras do Sr. Capitão Júlio da Costa Pinto.

FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço ficam-nos de fora, já depois de compostas, algumas das nossas habituais Secções, do que pedimos desculpa aos seus autores.

LEGIÃO PORTUGUESA

MOCIDADE PORTUGUESA

Temos todos os artigos: Camisas, Calças, Meias, Chapéus, Bivaques, Calçado e todos os emblemas para a Legião e Mocidade Portuguesa.

Vende a

Camisaria Martins.

174 A Casa das Moias.

DR. ALFREDO BRAVO

MÉDICO

Doenças da boca e dentes

Praça D. Alonso Henriques, 6

GUIMARÃIS

RETOMOU A CLÍNICA

EM GUIMARÃIS: — Todos os dias úteis, excepto às quintas-feiras.

EM VIZELA: — Às quintas-feiras.

Curso de Francês

Teórico e Prático

por

ALBERTO LEITE

Diplomado pela Universidade de Bordeaux

(136)

Informa casa Ferreira da Cunha - Tournal

MODISTA

à pouco chegada do Pórt

Execução perfeita, pelos últimos figurinos. Falar na PASTELARIA AVELINO, R. de Camões, 35 — Guimarães.

177

loja no Tournal

MUITO CENTRAL

Passa-se Falar na

CAMARA MARTN

Tipografia Minerva

Vimaranense

Execução perfeita e rápida de todos os trabalhos tipográficos

Rua de Santo António

Guimarães

Atenção à quarta página

Paulino de Magalhães

Acaba de receber para a ESTAÇÃO DE INVERNO um grande sortido em Fazendas de lã para casacos e vestidos, padrões e côres da moda. Peluches, Veludos, Peles para golas. Um variado sortido, exclusivo desta casa, em Casacos, Blusas de Malha, Lãs em fio Frasquita e outras qualidades. Completo sortido em Tecidos de Algodão.

GUIMARÃIS
(JUNTO À IGREJA DE S. PEDRO) 171
Telefone, 230 Não confundir

Minhas Senhoras!

Quando forem ao Pôrto prefiram o conhecido cabeleireiro **CARLOS DE OLIVEIRA** (Das melhores casas de Lisboa)
Neste cabeleireiro são V. Ex.^{as} atendidas sem marcar hora, com a máxima perfeição em todos os trabalhos.
Uma boa permanente durável e sem carapinha. Um penteado Artístico. Uma boa pintura de cabelo.
Só consegue V. Ex.^a no Cabelereiro Carlos de Oliveira.
Praça Carlos Alberto, 110-1.º PORTO

Armanda Fonseca

com **Atelier de vestidos e chapéus**

Vestidos: Confeccionam-se pelos mais recentes figurinos de Paris.
Chapéus: Sempre as mais variadas novidades que a moda exige.

Variada coleção de chapéus para senhora e criança, desde 45\$00 (Reclame), fabricados em bom feltro, em várias côres.

Sempre novidades || Baixos preços
Rua da República, 91 — Guimarães

de, é o que o sr. José Luís de Almeida afirma na sua carta: — "Que a Direcção F. C. de Vizela não teve pretensões de modificar os desenhos, mas sim atrazar as datas, para, assim, não acabar o Campo de corta e prega." Isso, sr. José Luís de Almeida, é que é destituído de fundamento, e, portanto, inteiramente falso, porque posso afirmar-lhe categoricamente que a Direcção F. C. V. só se lembrou do atrazo das datas depois de saber e ter o pleno conhecimento que a Direcção da A. F. B. não ia na onda, porque, até então, sempre pensou na modificação dos desenhos.

Isto é que é a pura verdade, sabe, sr. José Luís?
E agora um conselho: Quando não tiver que fazer deite-se e descanse que logra mais saúde. Quando dissemos que a Direcção F. C. V. pretendia modificar os desenhos, tínhamos a positiva certeza, porque se um só momento disso duvidássemos não o viríamos dizer em público. E o sr. também sabia.

Mas, nós há muito que sabemos que o sr. sabe escrever; portanto, essa resposta que deu à minha notícia, deixava-a por conta da Direcção F. C. de Vizela, que foi a quem me dirigei, e o sr. fazia muito bem ficando com a violinha no sacco!...

Há gente assim, que morre se não fala!
Valha me Deus, sr. Almeida; seu amigo e custa-me dizer-lhe estas coisas.

Bem sei que o sr. não precisa de conselhos meus, mas deixe-me que lhe diga que é muitas vezes pela falta de umas palavras amigas que se cai no erro. Portanto, não se meta mais outro de não tór chamado, porque é muito feio.

Don por terminado este assunto, visto outras causeiras me chamarem. Daqui enviamos um abraço ao nosso grande amigo senhor Director do "Notícias de Guimarães", a quem pedimos desculpa desta maçada. Mas S. ... sabe muito bem a quem atribuir a culpa. — C.

«O LAR DO COMÉRCIO»

UMA INSTITUIÇÃO BENEFERENTE

E' digna do carinhoso interesse de todos os portugueses esta Instituição de Assistência Particular, fundada em 26 de Junho de 1930, que tem a sua sede na cidade do Pôrto — Praça da República n.º 99.

Destinada a estabelecer Casas de Repouso para os profissionais do comércio, de ambos os sexos, desprovidos de meios de subsistência, por invalidez ou incapacitados de trabalho, a criar preventórios, sanatórios e estabelecimentos hospitalares, destinados igualmente aos inválidos do comércio, esta Instituição vem desenvolvendo uma acção benemerente notável.

Entre o seu programa figura também a criação de orfanatos e oficinas de educação particular, para as crianças de ambos os sexos, órfãs de indivíduos que tenham sido sócios efectivos.

As suas instalações — na cidade do Pôrto — podem receber muitos dos necessitados — talvez 60 a 70 —, tendo já dentro de suas portas 16 internados, vítimas da fatalidade dos tempos, atirados para a invalidez pelo trabalho ou pela doença.

Pode, conforme já dissemos, receber esta Instituição, na sua sede, mais internados, mas para isso necessita do carinhoso auxílio material de toda a classe comercial — empregados e patrões.

Por isso o nosso jornal, fazendo-se eco dessas necessidades e apadrinhando a causa tão justa e útil, recomenda "O Lar do Comércio", à caridade dos seus prezados leitores, especializando a classe comercial.

Inscram-se sócios de "O Lar do Comércio", auxiliando aqueles que a esta casa de Bem Fazer se recolhem. Quota ínfima, 1\$00.

Sede — Praça da República, 99 — Pôrto.

A' Indústria de Meias

VENDE-SE 4 máquinas, bobinar e mais pertences, com o respectivo alvará.

Para informações — Filial da SAPATARIA LUSO — Telef. 264. 154



COMARCA DE GUIMARÃIS

Secretaria Judicial

Arrematação

No dia 26 do corrente mês, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito à rua do Gravador Molarinho, desta cidade, e por deliberação do conselho de família e interessados nos autos de inventário orfanológico a que se procede por óbito de Tereza da Silva Soares Faria, que foi do largo da Oliveira, desta mesma cidade, e no qual é inventariante Helena da Silva Soares de Moura Faria Mendes, da rua de Trás de S. Tiago, da cidade de Braga, vão ser postos em praça, pela segunda vez e por metade do seu valor os seguintes forros: —

O foro anual de 2\$00, actualizado, que paga António Leão, de Freamunde, no valor de 20\$00.

O foro anual de 3\$00, actualizado, que paga Joaquim Monteiro, da mesma freguesia, no valor de 30\$00.

O foro anual de 3\$00, actualizado, que paga Domingos Coelho, da mesma freguesia, no valor de 30\$00.

O foro anual de 8\$00, actualizado, que paga Gaspar Pacheco, da mesma freguesia, no valor de 80\$00.

O foro anual de 8\$00, actualizado, que paga José Ferreira, no valor de 80\$00.

Guimarães, 15 de Novembro de 1939.

O Juiz de Direito, subst.^a, João Ayres.

O Chefe da 4.ª Secção, Manuel Estelita Vieira da Cruz. 176

CALÇADO BARATO

O maior sortido em Calçado de Agasalho. Lindos modelos em sapatos com 1/2 salto, desde 20\$00. Sapatos para homem e senhora a 7\$00. Galochas e botas altas. Tudo mais barato. Só na Camisaria Martins.

158 A Casa das Moias.



COMARCA DE GUIMARÃIS

Secretaria Judicial

Anúncio

(1.ª publicação)

No dia 3 do próximo mês de Dezembro, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, e por virtude de deliberação dos respectivos interessados, no inventário orfanológico a que se procede por óbito de Domingos de Oliveira Couto, da freguesia de Gondomar, desta comarca, vão à praça, para serem entregues a quem maior preço oferecer acima do preço da avaliação, alguns móveis e os seguintes prédios:

A propriedade do Barrôco, no lugar do mesmo nome, freguesia de Gondomar, desta comarca, composta de duas moradas de casas e terrenos de horta e descrita na Conservatória sob o n.º 34.702. Vai à praça pela quantia de 8.000\$00.

81 eucaliptos de diversos tamanhos, no lugar do Covêlo em monte maninho, na freguesia de Gondomar, desta comarca. Vão à praça pela quantia de 120\$00.

Toda a sisa fica a cargo do arrematante. Guimarães, 13 de Novembro de 1939.

Verifiquei. O substituto do Juiz de Direito, João Ayres.

O Chefe da 3.ª Secção, Luís Cândido Lopes. 172

Benjamim de Matos & C.ª, L.ª da

Toural, 105 - Guimarães - Telefone, 64

ESTAÇÃO DE INVERNO

Malhas, Modas, Meias e Miudezas. Fazendas de lã, para vestidos e casacos. Veludos, Estrakãs, Peluches, Lãs em fio, Meadas e Novelos; Flanelas, Chales, Casimiras para fatos, Risçados, fantasias, Bordados, Rendas e muitos mais artigos que compõem o sortido desta casa.

Participamos que devido às nossas compras terem sido feitas com antecedência, continuamos a vender todos os artigos da nossa casa sem subida de preços.

Aconselhamos não demorem suas compras, para evitarem que, se as demorarem, já venham encontrar os mesmos artigos por nós comprados por maior preço

QUEM ME AVISA, MEU AMIGO É...

VENDAS SÓ A DINHEIRO
CASA LEQUE

O NOTICIAS DO EDIPISTA

Secção Charadística dirigida por Lusbel

Dicionários adoptados nesta Secção: — Torrinha, Moreno, Lignone, Povo, Roquete, (sin. e ling.) e Sinónimos de Bandeira.

Campionato Charadístico

Resultados do n.º 6 — 5.ª Série

Soluções

241) CONTA; 242) amargosa; 243) sosso/ossos; 244) olor/rolo; 245) mo-zom/mczom; 246) adoréa; 247) dominar; 248) venusino; 249) aferro; 250) aureóla; 251) DI.ATA; 252) viú-vo; 253) DOMINA; 254) AVEZA; 255) falada.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA: — escolher (amar) a primeira, disfruta (gosa) a final = amargosa.

Quadro de distinção

N.º 241, 254, 253 e 251.

RELATÓRIO

Caro confrade
Apreciando o n.º 6, fiz a seguinte escolha:

Em verso: n.º 241.

Não concordo com os enigmas do género daquele que se publicou neste número. Pondo-lhes a numeração silábica, temos autênticas charadas em verso.

Em prosa: n.º 254, 253 e 251.

Belo número este, quanto a trabalhos em prosa. Dá gosto ver produzir assim.

Cria-me Confrade e Amigo

Don Ranfe.

Quadro de Honra

(Pontos a decifrar: 15)

Agus Matntus, Alguém, Alvarinto, Biscaro, Castela, Conde, Copofóico, Dado, Diadema, Don Zé Franli, Dropé, Edilpo, Emecepé, Erbelo, Btop, Fidéllo, Fosquinha, IJanibal, Já Mexe, Jorubasil, Josicar, Labita, Lérias, Madame Lérias, Miss Sporting, Mora Rei, Morenita, Oravai, Oteblo, Pacatão, P. de Inkin, Psote, Quico, Reirobi, Rei Téxai, Rei Viola, Ricardo, Romeu, Rotie, Sabrigaita, Siulno, Soba da Torre, Tiube, Valis, Vareira, X-8 e X-9, Totalistas.

Quadro de Mérito

A. L. C., Délia e Doralvas, 14; Olegua e Quim Mosquito, 13.

DIPLOMATAS

O Director do "Noticias", agradece a delicatária, mas não tem vagar para decifrar charadas... SABRIGAITA decifrou sem custo e os confrades vimaranenses decifram QUASI todos!

As listas do presente número devem estar em nosso poder até ao dia 10 de Dezembro.

Lêde e assina o «Noticias de Guimarães».

Charadismo

N.º 10 2.º Ano 5.ª Série

Charada em verso

316) Desde o berço à sepultura — 1
nós cumprimos duro fado, — 3
onde a sorte e desventura
vão sempre de braço-dado.

Sincopadas

317) A triste vida passada
foi lama que se enzuagu... — 3
Hoje, és como imaculada: — 2
um grande amor te salvou!

318) Que enorme tromba de água?
— 3-2

319) A mulher é muito expedita
em trabalhos com o planeta telescópico.
— 3-2

320) Camões foi magestoso! Bem
merece que lhe façam uma solenidade.
— 3-2

321) Antes sempre pobre que apar-
tado da honra. — 5 4

324) O infeliz é em vão que busca
uma protecção. — 3 2

Biformes

323) Sem "desembaraço", não se
deita abaixo uma tarefa. — 4

324) Combate o vício e tornar te-às
um homem digno. — 2

325) A fraqueza esmorece. — 4

Novíssimas

326) Portugueses! Um desejo de
paz nos oferece o nosso Chefe no seu
sereno olhar. — 2-1

327) A coluna representando um
"homem", era feita de mármore onde-
do de verde e branco. — 2-2

328) Quem a boa doutrina ofende,
a sua reputação descredita. — 1-2
(Ao confrade ROTIE, com um
abraço)

329) Sim!... Dê um nó falso no
cabo, e terá boa ventura. — 1-2

330) Apesar de tudo, a sua atitude
é considerada oposição. — 2-3

Taça «Beneficência»

Um "Amigo Charadista", querendo corresponder ao apêlo que o nosso querido Director fez neste jornal, em favor de Francisco Fernandes, a quem uma grave doença motivou a amputação das duas pernas, oferece uma taça de prata que será disputada extra-torneio, revertendo o produto em favor da subscrição para a compra dum carro para aquele infeliz.

CONDIÇÕES

1) Publicaremos uma charada de solução muito simples.

2) Cada concorrente enviar-nos-á um escudo (em selos ou como melhor entender), recebendo em troca um número. Quem quizer, pode inscrever-se com mais, recebendo tantos números quantos escudos enviar, ficando assim com mais probabilidades de êxito no sorteio.

3) Desde já fica aberta a inscrição, e logo que o número de inscritos compense o custo da taça, publicamos a respectiva charada.

Quem inicia a inscrição?

Lusbel.

Correspondência: — J. GARCIA — Rua Egas Moniz, 85 — Guimarães.